

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

150 anos



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES
1863-2013

Patrocinador oficial
FUNDAÇÃO MILLENIUM BCP

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins, César Neves
Design gráfico: Flatland Design

Produção: DPI Cromotipo – Oficina de Artes Gráficas, Lda.
Tiragem: 400 exemplares
Depósito Legal: 366919/13
ISBN: 978-972-9451-52-2

Associação dos Arqueólogos Portugueses
Lisboa, 2013

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Os desenhos da primeira e última páginas são, respectivamente, da autoria de Sara Cura e Carlos Boavida.

Patrocinador oficial



Apoio institucional



POVOADO CALCOLÍTICO DO PORTO TORRÃO – ELEMENTOS DE ADORNO

Miguel Rocha / Neoépica, Lda. / neoepica@gmail.com

Paulo Rebelo / Neoépica, Lda. / neoepica@gmail.com

Raquel Santos / Neoépica, Lda. / neoepica@gmail.com

Nuno Neto / Neoépica, Lda. / neoepica@gmail.com

RESUMO

A intervenção arqueológica em Porto Torrão permitiu recolher um variadíssimo espólio artefactual, bem como registar um vasto conjunto de estruturas negativas e positivas. O presente artigo foca um conjunto de objectos de adorno, provenientes de diversas áreas, cronologicamente enquadráveis em época Calcolítica.

ABSTRACT

The archaeological intervention in Porto Torrão allowed to collect a great number of artifacts and register a vast set of negative and positive structures. This article focuses on a set of adornment artifacts, collected in various areas, from the Chalcolithic period.

1. INTRODUÇÃO

O Povoado do Porto Torrão situa-se no concelho de Ferreira do Alentejo e tem vindo a ser intervencionado já desde a década de 80 do século XX, altura em que José Morais Arnaud aí realizou trabalhos de prospecção e escavação. Já em 2000, também a empresa ERA, Arqueologia efectuou naquela área trabalhos de escavação. Em 2008, a Neoépica, Lda. executou trabalhos na área do povoado, promovidos e financiados pela EDIA, S.A., os quais foram continuados numa segunda fase, já em 2009, no decurso da qual foram escavados mais de 3000m², divididos por três equipas distintas das empresas Neoépica, Archeoestudos e Crivarque.

2. DESCRIÇÃO DO CORPO DE DADOS EM ANÁLISE

A escavação de três sectores do sítio de Porto Torrão revelou diferentes tipos de contextos. Várias estruturas em negativo caracterizam de uma forma geral as realidades definidas. Em concreto, dois fossos, várias fossas, valas e buracos de poste. O registo ocupacional contou, ainda, com algumas estruturas positivas (estruturas de combustão, empedrados, alinhamentos e muros) e depósitos com gran-

des concentrações de material (inclusive uma área de talhe).

As estruturas em negativo contaram, por vezes, com enchimentos repletos de material arqueológico, que em certos casos denunciavam a presença de diversos tipos de funcionalidades, desde os próprios fossos de delimitação do espaço, a lixeiras, sepulcros e possíveis estruturas habitacionais. Dentro do material recolhido, identificaram-se alguns objectos de adorno, que parecem enunciar o consumo de bens de prestígio no Porto Torrão, bem como a sua actuação enquanto agentes de um sistema de comunicação visual reprodutor das realidades sociais.

2. 1. Os Contextos

Sector I – sondagem I – depósito [109]

Esta camada foi identificada na 1ª fase dos trabalhos, sendo superficial e encontrando-se a cobrir um dos fossos. Dos poucos materiais recuperados definiram-se artefactos de tradição neolítica e calcolítica (pratos com e sem espessamento, taças hemisféricas, taças carenadas, elementos de tear: placas e crescentes).

Sector I – área H e I – depósitos [138] e [1136], [1218] e [1307], enchimentos dos interfaces [1135], [1225] e [1125]
Nas áreas I e H identificou-se uma intensa concentração de fossas e outras estruturas negativas, entre

as quais uma inumação em fossa. Estas estruturas encontravam-se preenchidas por enchimentos de diferentes características físicas. Para além destes, registaram-se outros contextos mais à superfície, sob a camada agrícola, constituindo testemunho de uma ocupação humana efectiva desta zona, para mais em excelente estado de preservação. Trata-se de vários empedrados e estruturas de combustão, associados a algumas pequenas estruturas negativas, alicerçadas por blocos pétreos que poderão ter constituído suporte a uma estrutura habitacional ou outra.

Sector I – área J – depósitos [1292], [1321]/[1332] e [1375] e [1387], enchimentos das fossas [1374] e [1386]
A área J, em termos contextuais e cronológicos, apresenta realidades semelhantes às áreas H e I. Em concreto, várias estruturas negativas, positivas ou de combustão e até empedrados que documentam uma intensa ocupação do sítio durante o Calcolítico. Esta ocupação levou, em diversas ocasiões, à sobreposição e corte de várias realidades, uma situação que se desenvolve desde o estrato inicial. O depósito [1292] destaca-se pela existência de numerosas peças cerâmicas quebradas *in situ*, assim como uma possível área de talhe de onde se recolheram centenas de lascas e alguns núcleos, ocupando uma área de cerca de 30m².

Sector 3 – Sondagem V – depósitos [3121], [3219] e [3228], enchimento da fossa [3132] e da [3220] e da vala [3227]

A escavação da sondagem V revelou uma estrutura habitacional e algumas fossas e outras estruturas negativas. O primeiro contexto em particular será analisado num outro artigo a sair nesta mesma edição. Guardamos, por isso, um maior aprofundamento sobre esta realidade para o mesmo. Das estruturas em específico que possuem elementos de adorno, a fossa [3220] terá ocorrido na 1ª fase de ocupação, estando relacionada com a ocupação inicial da estrutura e com as valas de fundação, encontrando-se relativamente ao centro da estrutura a 0,46m da vala norte. A vala [3227] encontrava-se a Oeste, delimitando a estrutura desse lado. Fora do espaço habitacional definiram-se várias fossas, uma das quais a [3132] a c.1,12m da entrada principal, estando relacionada com um momento de ocupação durante o Calcolítico Pleno.

Sector 3 – sondagem VII – depósitos [3094] e [3172], enchimento da fossa [3092]

A fossa [3092] apresentava grandes dimensões, com 43 enchimentos distintos, dois buracos poste, uma estrutura de combustão e um murete constituído por pedras de pequena dimensão. Tem c.3,30m de diâmetro máximo e 2,50m de altura. Perante as evidências materiais registadas é possível pensar em diferentes ambientes culturais para estes enchimentos: um primeiro do Calcolítico Inicial e um segundo do Calcolítico Pleno.

Sector 3 – sondagem IX – depósito [356], enchimento da fossa [310]

Na sondagem IX identificaram-se três estruturas em negativo, das quais a [310] cheia por três camadas de características diferentes. Em termos materiais, a maioria é de tradição calcolítica, existindo alguns escassos exemplares de taça carenada.

2. 2. Os Objectos

Dos objectos tidos e considerados como adorno tivemos em conta análises passadas sobre a cultura material calcolítica (Gonçalves, 2003²; Salvado, 2004). Para além de alfinetes de cabelo e de elementos de colar e outros adereços, como contas e pingentes, referenciamos o «ídolo-gola», tratado por nós em anterior artigo (Rocha *et alii*). Referimo-lo aqui pelo facto de alguns autores o interpretarem como elemento de adorno (Salvado, 2004, p.54), hipótese de análise que deixamos em aberto. Destaque ainda para um elemento indeterminado, de forma triangular, que aproveita um seixo de quartzito, com cerca de 1,3cm no seu lado maior (Figura 1).

Contas de colar

As contas de colar caracterizam-se por deterem perfuração central, transversal à peça, constituindo elementos de peças de adorno pessoal (Salvado, 2004, p.62-63). Os exemplares que possuímos foram realizados com recurso a diversas matérias, como barro, xisto¹ e minerais brancos e verdes de litologia indeterminada ou duvidosa (Figura 2 e 3). Para este mesmo sítio foi referida a existência de contas de variscite e «caliço» (Valera e Filipe, 2004, p.47). Podendo ser esse o caso das peças aqui analisadas, não afastamos a hipótese de estas serem de

1. Agradecemos o auxílio de António Monge-Soares na identificação de um destes elementos.

outra litologia. No caso das contas verdes, a malaquite, que se encontra muitas vezes próxima da superfície de jazigos de minérios de ferro (Deer, Howie e Zussman, 2000, p.613). Como é possível de observar na Tabela 1, a maioria das peças tem forma discóide ou cilíndrica, sendo provenientes de diversas fossas, com uma distribuição cronológica em torno do Calcolítico Inicial/Pleno (Figura 4 e 5).

No que respeita à relação forma/matéria-prima, todas as contas de mineral, com excepção do exemplar nº 414, revelam forma discóide. Os exemplares em xistos são ovalados e o de cerâmica de forma tubular. Quanto à técnica de fabrico saliente-se o polimento das peças, com excepção do exemplar em cerâmica, bem como a sua perfuração.

Tabela 1 – Descrição das contas de colar (medidas em milímetros e peso em gramas).

N.º Inv.	Forma	Diâm. (Máx.)	Esp.	Diâmetro da perfuração		Peso
				Anterior	Posterior	
Pto/08-09.[109].414	Tubular	7.48	5.73	2.99	3.33	0.07
Pto/08-09.[3094].2400	Discóide	6.22	1.27	1.75	1.75	0.09
Pto/08-09.[3121].2563	Tubular	21.60	17.90	1.85	3.68	7.97
Pto/09.[138].10388	Discóide	6.31	1.04	2.34	3.25	0.29
Pto/09.[138].10391	Discóide	5.21	2.65	1.95	2.17	0.10
Pto/09.[1218].10456	Discóide	33.09	7.17	2.06	2.17	6.14
Pto/09.[1292].10467	Discóide	5.73	1.86	1.90	2.37	0.07
Pto/09.[1375].8168	Discóide	7.01	3.09	1.77	1.77	0.24
Pto/09.[1387].8316	Ovalada	n.a.	1.84	3.34	3.63	1.15

Pingentes

Como pingentes identificaram-se dois búzios com uma perfuração em cada, num caso na zona superior, no outro na inferior, mas sempre do lado anterior. Tirando esta situação não se registou qualquer outra alteração à morfologia natural destes gastrópodes. Desta forma, podemos considerar que estes elementos terão sido seleccionados também pelas suas características físicas. Estas peças deveriam constituir elementos de colar, de forma isolada ou agrupada com outros elementos, como as contas

(Salvado, 2004, p.65). É de destacar a decoração incisa no exemplar nº 2862 (Figura 6).

Como técnica de perfuração nota-se o polimento na zona perfurada, que terá resultado no orifício em si ou na diminuição da espessura a vencer pelo utensílio perfurante (Salvado, 2004, p.66). Num dos casos a perfuração apresenta uma forma ovalada, no outro sub-triangular. No que toca às espécies seleccionadas conseguimos identificar um exemplar de fam. *Cypraea* e da fam. *Nassariinae*, de ambiente marinho (Figura 7).

Tabela 2 – Descrição dos pingentes (medidas em milímetros e peso em gramas).

N.º Inv.	Comp. Máx.	Larg. Máx.	Esp. Máx.	Comp. Perf.	Larg. Perf.
Pto/08-09.[356].2862	31.71	18.61	18.12	6.73	6.29
Pto/09.[1136].2321	22.80	12.99	11.22	3.12	2.26

Alfinetes

Os alfinetes definidos distinguem-se pela zona proximal, identificando-se um com estrias circulares nesta área. Os outros têm a cabeça destacada, num caso através de perfurações laterais, no outro por intermédio de uma canelura circular. Nas me-

didadas retiradas ressalva-se o facto de nenhum dos exemplares se encontrar completo. Funcionalmente são tidos como elementos de adorno de cabeça, colocando-se ainda em hipótese o uso na decoração de roupas (Salvado, 2004, p.82) (Figura 8).

Tabela 3 – Descrição dos alfinetes (medidas em milímetros e peso em gramas).

N.º Inv.	Secção Cabeça	Comp.	Larg./Diâm. (máx.)	Esp.	Peso
Pto/09.[1307].10469	Rectangular	69.54	5.87	4.01	1.63
Pto/09.[3172].9439	Circular	54.37	3.10	n.a.	0.63
Pto/09.[3219].10136	Sub-circular	62.77	6.10	n.a.	2.55
Pto/09.[3228].10011a	Ind.	62.28	4.42	2.63	0.75

3. CONCLUSÕES

Os elementos de adorno associados, no geral, a contextos da Pré-história recente, são reflexo de uma materialidade estética e ritual própria da sociedade e da cultura desses tempos. Surgem no registo arqueológico em associação ao designado mundo dos mortos, tendo aí um sentido ritual próprio. Mas são igualmente encontrados em contextos de *habitat*, onde espelham o sentir próprio de cada indivíduo, bem como do grupo como um todo. Para além destes aspectos, são importantes vestígios no estudo do sistema de trocas e transacção de matérias-primas e bens de prestígio. Os elementos de adorno encontrados nos contextos do Povoado do Porto Torrão são disto reflexo, problemáticas que iremos de futuro procurar desenvolver.

BIBLIOGRAFIA

DEER, William; HOWIE, Robert; ZUSSMAN, Jack (2000) – *Minerais constituintes das rochas: Uma introdução*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

GONÇALVES, Victor (2003²) – *Sítios, «Horizontes» e Artefactos: Leituras críticas de realidades perdidas (Estudos sobre o 3º milénio no Centro e Sul de Portugal)*. Cascais: Câmara Municipal.

ROCHA, Miguel; REBELO, Paulo; SANTOS, Raquel; NETO, Nuno (2011) – Contextos e objectos simbólico-religiosos do Porto Torrão: os ídolos e as placas de xisto. *Promontoria Monográfica, Actas das IV Jornadas de Jovens em Investigação Arqueológica*. Faro. 16, 399-406.

SALVADO, Maria Clara Barreto Ruivo da Silva (2004) – Apontamentos sobre a utilização do osso no Neolítico e Calcolítico da Península de Lisboa: As colecções do Museu Nacional de Arqueologia. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Suplemento 2.

VALERA, António; FILIPE, Iola (2004) – O Povoado do Porto Torrão (Ferreira do Alentejo): novos dados e novas problemáticas no contexto da calcolitização do Sudoeste Peninsular. *Era Arqueologia*. Lisboa. 6, pp. 28-61.

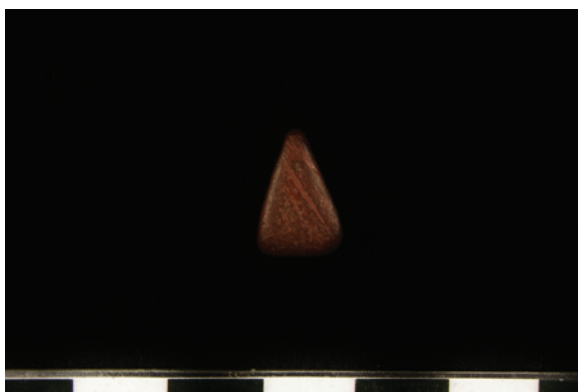


Figura 1 – Objecto indeterminado, nº 7507.

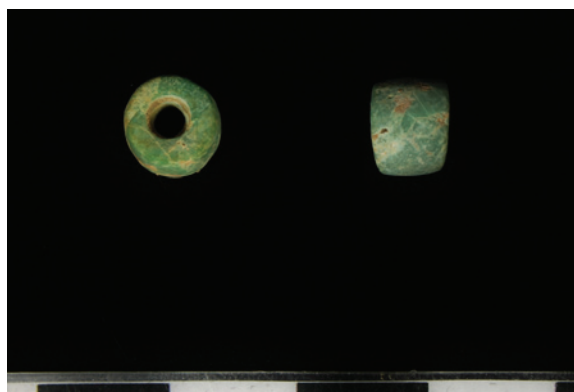


Figura 2 – Conta de colar, nº 414.



Figura 3 – Conta de colar, nº 2563.



Figura 4 – Conta de colar, nº 8316.



Figura 5 – Contas de colar, nºs 2400, 10388, 10391.



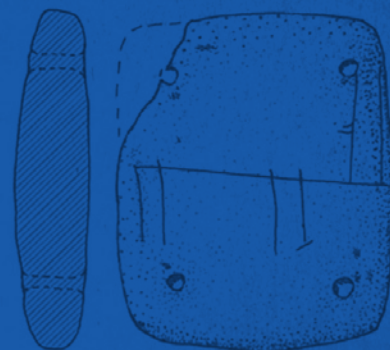
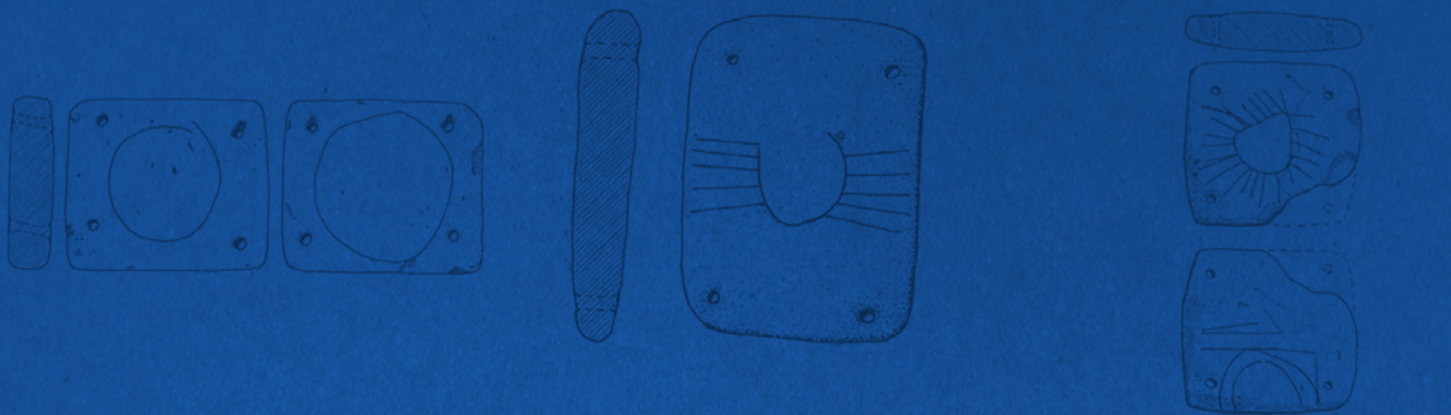
Figura 6 – Pingente sobre búzio, nº 2862.



Figura 7 – Pingente sobre búzio, nº 2321.



Figura 8 – Alfinetes, nºs 10469, 10136, 9439, 10011.

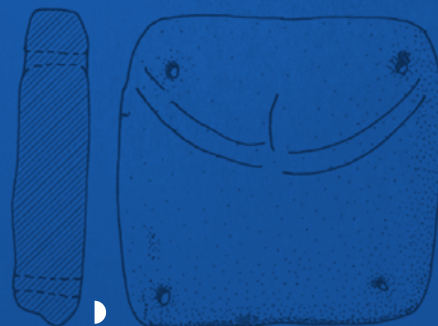


AAP
ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

Patrocinador oficial



Apoio institucional



FUNDAÇÃO
Millennium
bcp

BNP
BIBLIOTECA
NACIONAL
DE PORTUGAL

 GOVERNO DE
PORTUGAL


Parques de Sintra
Monte da Lua